



Doc II

Lisboa, 12 Fev. 66

Senhor D. António:

Recebi hoje a sua carta que muito lhe agradeço. Hoje mesmo lhe estou a escrever, como vê... Não há nada mais simples e fácil do que adotar um "vício".

Como V. Ex.^a continua a mostrar-se interessado por saber o que se passa por cá, através do prisma "leigo",erei um autêntico relatório esta carta. Não se importa? Sempre gostei imenso de tagarelas. Nino sou muito feminina.

Dime-me a minha prima Teresa Vaz Pinto que o Senhor D. António estava um pouco assustado com os meus (não são meus...) empreendimentos económicos. Por aí comecei.

Consegui (não fui eu que consegui...) do Senhor Cardeal um assistente, um nome que me foi "apropriado" e que era a única pessoa que tinha a inteira confiança dele. É o Cônego Gregório Neves. Ainda não entendi bem ~~se~~ se ele "concorda" ou não com o movimento económico mas tem desempenhado o seu papel dentro do grupo com relativa facilidade. É uma pessoa de trato difícil (já ouvi alguns versos ao telefone, mas não são as agruras dos bastidores...) mas só com a presença de um sacerdote católico o grupo podia de

facto continuam a existir e a ter influência.

Consegui (e eu a dar-lhe! Não fui eu que consegui...) que entrassem no grupo, os presbiterianos. O senhor D. Luis Pereira, Bispo da Igreja Lusitana e que tem sido a alma do ecumenismo em Portugal, não estava muito de acordo com o ecumenismo "já" com as Igrejas Reformadas... Mas eu insisti (com o Espírito Santo...) e eles entraram em cheio. Como o grupo cresce muito (como a presença do cón. Gregório Neves é uma porta aberta, já os padres católicos vêm à vontade...), incluindo já três Igrejas diferentes, as reuniões deixaram de ser em minha casa (a sala é pequena) e realizam-se alternadamente em Santa Isabel, na Igreja Presbiteriana de Lisboa e na Catedral de S. Paulo da Igreja Lusitana. Parece que o sistema tem dado resultado porque na última Semana Teológica, em Dezembro passado, que versava toda sobre Ecumenismo, quando se perguntou o que se fazia de acção ecuménica em Portugal, tive a grande alegria de ver levantar-se o Pastor Mário Neves para "orgulhosamente" contar a acção do "seu" grupo (tinha assistido apenas a duas reuniões...), com evidente sentido de responsabilidade nessa acção. Está a ver, senhor D. António? O "meu grupo" por que tanto lutei, e batalhei e sofri e rezei já não é "meu"... Senti-o pela primeira vez nesse dia e foi uma alegria tão funda (eu que agora que as tenho tão poucas...) não só pelo alívio de ver o fardo a ser levado por outros também mas sobretudo por ver essa responsabilidade a ser claramente e publicamente assumida por um presbiteriano recém-chegado...

Para esta semana ^{Doc 11} Teológica (que esteve ²)
para ser suspensa por causa de terem
convidado para dirigir um colóquio
sobre Acção Bíblica e Acção Euménica
o Dr. Daniel Pina Cabral...) decorreu anima-
dissimamente como V. Ex.^a pode calcular...
Os dois pastores presbiterianos do novo
grupo inscreveram-se e foram a todas
as sessões. Eu infelizmente não pude ir
a tudo (aliás sentia-me um pouco des-
confortável no meio de tanto padre...)
porque as mães de família têm o tempo
bastante ocupado mas aquilo que assis-
ti achei notável... sobretudo da curiosi-
dade, da boa vontade, do desejo novo
e forte de todos aqueles Sacerdotes, vin-
dos de todos os pontos do país, em
trabalharem activamente e gozosa e
dentro das perspectivas novas do Con-
cílio. Como a mim me tomaram logo
por Lusitano (além do Daniel, que só
estava presente no dia e na hora em
que falou, os lusitanos não puderam
estar presentes...) visto que normalmente
as senhoras católicas não vão a
semanas de Teologia, sobretudo sobre
euménismo, era anediada por mil
perguntas e alvo de imensas atenções.
Eu ia deixando para o equívoco
e respondia às perguntas sobre a "miséria"
Igreja (porque afinal conheço bem a Igreja
lusitana...) até que a revelação final
deixava a todos desconsolados... Mas eu
não desisti! Quando contei isto ao Senhor
D. Luis, disse-me ele, com toda a calma,
que eu era de facto da Igreja Lusitana,
mas da unida a Roma!

E agora vou contar-lhe o que foi a

Semana da Unidade, no mês passado. Há já meses que eu vinha "preparando" o Senhor Cardeal (escrevi-lhe para Roma, fui-lhe falar, mandei-lhe recados, sei lá!) e em Dezembro lá fui de casa pedi-lhe um culto em comum no Oitavário... sempre peço demais para receber o que no fundo quero. E o que queria já sabia que ele mo ia conceder. Era a licença para os católicos romanos assistirem, pelo menos durante o Oitavário, às cerimónias pela Unidade nas outras Igrejas. Se eles, os irmãos repensados, não faziam questão de assistirem a Minas por intenção da Unidade, que espécie de ecumenismo estatuíamos nós a fazer com atitudes de antes do Concílio? Essa licença consegui-a e então organizámos três cerimónias: a primeira na Igreja Presbiteriana, a segunda na Lusitana e a terceira na Igreja da Ajuda. Nas duas primeiras seguiram-se só as orações do Oitavário mas na Ajuda (essa Domingo) havia Missa.

Não me podo esquecer do velhinho cônego Moreira, da Igreja Lusitana, muito comovido, no altar da Igreja Presbiteriana a seguir à cerimónia, dizer-me: - "É comovoa-me Deus até esta idade (tem 80 anos) para eu ver isto..." e apontava-me para aquela alegre convivência, tão ecuménica... Nesse dia a homília tinha sido feita pelo Bispo D. Luís Pereira que falou admiravelmente bem.

No dia seguinte, na Igreja Lusitana, a cerimónia tomou quase fôros de culto em comum. Os anglicanos gostam muito de entrar em procissão, enquanto a assembleia canta e eu, ao ver entrar aquilo tudo, cruz processional à frente, diáconos e o Bispo, o Deão, o Frei Raimundo e o Cônego Neves, julguei que ia cair para o lado de comovção! A homília foi feita pelo Frei Raimundo

que já lá tinha feito ^{doc II}, no ano passado, (3
uma palestra sobre o Movimento Bí-
blico e a Igreja Católica. O Superior dá-lhe
sempre licença para se meter nestas
coisas e se da outra vez ele apenas
"participou" ao Senhor Cardeal que ia fa-
zer a conferência, desta vez pediu
licença ao Bispo que tinha mais à
mão na 1ª Semana de Pastoral Litúrgica:
o Bispo de Febrina, que (ó milagre! do
Espírito Santo...) lhe deu todas as li-
cenças...

Eu tinha estado na Igreja Lusitana, antes do Natal, para assistir à
ordenação de dois diáconos que co-
municam assistência às reuniões e ao ver
o Presbítero fazer a homilia no púl-
pito (aliás uma homilia muito "ca-
tólica" e muito ecuménica) fiquei dis-
mando quando é que eu veria o Frei
Raimundo subir àquele púlpito... O
Senhor D. António! Foi exactamente
um mês depois, dia por dia!

E foi qualquer coisa de estranho
ver aquele frade (e dominicano!) estar
ali a pregar numa Igreja não cató-
lica romana! Havia mais católicos na
assistência do que no dia anterior e a
saída o Presbítero João Nunes, da Igreja
Presbiteriana veio-me apresentar um amigo
dele, católico-romano, que ele tinha tra-
zido à Igreja Lusitana para ouvir um
frade a pregar... Isto é admirável. Senhor
D. António! E depois ainda há quem diga
que não é possível nem necessário o ecu-
menismo em Portugal! O Espírito Santo
prova o contrário!

No Domingo, na Ajuda, naquele ambiente
especial que tem ~~em~~ aquela paróquia, muito
"consilhistas", estavam presentes à Missa cerca

de 40 não-católicos - romanos e poro afirmam-lhe
senhor D. António que foi com verdadeiro assom-
bo e entusiasmo que muitos deles "viram" e
"apalparam" a extraordinária transformação que
no culto católico provocou a reforma litúrgica.
Tiveram a sensação nítida de que a Igreja
Católica está de facto a mexer-se para diante
e que vale a pena acompanhá-la o passo.

Diz-me sempre e volta a repetir
senhor Cardeal, quando estou com ele, que ^{para} estas
coisas litúrgicas em comum ainda é cedo...
Pois eu estou convencida que é por onde se deve
começar. Orações em comum, culto em comum
até onde for possível... É na adoração ao
mesmo Deus que nos encontramos mais perto,
muito mais perto, do que nos encontramos
amigáveis e de meditação bíblica...

Eu sei que é precisa muita prudência
mas a lucidez pode ~~ser~~ ^{ser} a par da coragem...
E "vendo" bem como as coisas se passam, acabamos
por chegar a esta conclusão.

Depois da Missa, o padre Alexo Cordeiro
tinha organizado um serão em forma, no salão
paroquial, com orações, jantares e... variedades! Mas
o gesto mais belo que ele teve ainda foi, a par
de ter mantido toda a gente de pé durante
o Cântico, ter dividido o ~~seu~~ dinheiro do pedi-
tório pelos pobres das três Igrejas presentes
à Missa!

E depois, de repente, foi uma vez que co-
meçou a subir e nos submergir a todos.
Surgiram sessões euménicas de todo o lado
e lá ia eu, feita rorotista do Bispo
da Igreja Lusitana, a transportá-lo daqui
para ali...

Na Igreja Anglicana do Estúil, o Rev.
Humphreys tinha uma Celebração Eucarística
em que a Liturgia da Palavra era eus-
mélica: a lição do Antigo Testamento foi
lida pelo Embaixador da Grécia (grego orto-
doxo), a Epístola pelo pastor luterano da
Igreja alemã, o Evangelho por um frade do-
minicano (canadense, mas da província por-
tuguesa) a homília feita por um pastor
da Igreja Unida do Canadá (presbiteriano
e metodistas) a intercessão dita pelo capelão

da Igreja Presbiteriana Escocesa. ^{Doc 11} A Mina (4) foi celebrada pelo capelão anglicano e a benção, no fim, dada pelo Bispo D. Luis. Isto é um culto em comum e foi a primeira vez que se fez em Portugal com a participação de um padre católico. Fui-lhe perguntar no fim onde é que ele tinha arranjado licença. Fora o Superior, mais nada... Também sei que o Rev. Humphreys pediu vagamente licença ao Bispo dele e sei que o Bispo de Gibraltar é tão "high church" que não era lá pelo facto que hesitaria (podia até ter consagrado...) mas era por causa dos "protestantes"...

Na Igreja de Santa Isabel, no último dia do Outubro, os dois "inocentes" co-adjutores que lá estão (o Priu está ausente...) organizaram uma cerimónia, à noite, com as orações do Outubro e convidaram o Senhor D. Luis para fazer a homilia. Isto mesmo tinha acontecido no Salão Paroquial da Ajuda, antes do jantar, mas desta vez era na Igreja... E lá levei o Bispo, vestido de Bispo, de rogante... A Igreja estava cheia, a cerimónia foi linda e havia lá primas em muitos outros, especialmente nos do Senhor D. Luis, que na sacristia, como vidíssimo, me deu um grande abraço... O meu primeiro abraço episcopal! Essa a primeira vez que um Bispo não católico romano (Bispo ou presbitero!) falava numa Igreja católica.

E continuaram as sessões já fora da semana. Conferências, encontros, eu sei lá!... Foi uma semana histórica, cheia de "primeiras vezes"... Só não gostei que

tiverem passado por cima da licença do Bispo, tanto na Igreja do Brasil como na Igreja de Santa Isabel... Acho que tudo se deve fazer com o bispo. É difícil? Que seja! O Espírito Santo é que move tudo. Não queiramos ir ~~de~~ à frente dele e, quando temos paciência e aceitamos com alegria e serena resignação os escolhos inevitáveis em terreno tão complicado, acaba por acontecer que Ele trabalha mais eficazmente do que nós, quando, com as nossas impaciências e imprudências, julgamos estar a fazer muito. Mas enfim! Agora que já está feito pronto! Tenho de ir um dia destes falar de novo com o Senhor Cardinal para lhe contar as "mirabilia Dei" em ecumenismo mas estou com tanto receio de levar um puxão de relhas! Bem sei que não tive culpa nenhuma (tenho culpa "original"...), mas alguém há-de pagar, não é? Eu, neste tudo sinto-me o mais humilde dos instrumentos e normalmente é o burrinho que leva pancada... Mas sinto-me tão contente que Deus tenha querido servir-se de mim! Digo o meu Magnificat e permaneço fiel.

Ainda tenho inúmeras coisas para lhe contar, Senhor D. António, ecuménicas e não ecuménicas, mas por hoje acho que já vai longa demais a carta.

Se me não quiser escrever deas palavras não escreva... Eu tenho de desabafar à mesma e a "continuação no próximo número" não vai levar intervalos tão grande como da última vez.

Muito gostaria de ir a Taizé e também a Lourdes para estar com V. Ex.^a Rev.^m mas a minha vida, actualmente, com os pequenos tão agarrados a mim, parece-me quase impossível sair para o estrangeiro mesmo por pouco tempo. Muitos cumprimentos da minha Mãe e irmãos. Desculpe, Senhor D. António, o meu desprazer e creia-me na muito devotada em N. S. J. C. Teresa Maria Raposo M. de Carvalho.